2.6.2 MOÇAMBIQUE

Kaúlza e Machel no tabuleiro da guerra. O planalto maconde. Wyriamu, a 6.ª CCMDS e o auto de fé mediático. As três fatias do poder em Moçambique. O Lumbo, Camões, Aga Khan, Rita Hayworth e o administrador Santos. A mítica Zona dos Paus da Mutamba dos Macondes. «Dous inimigos vencem: uns, os vivos,/E (o que é mais) os trabalhos excessivos.» Jorge Jardim leva um aperto. A Cruz de Guerra de 1.ª classe.

Um resumo severo da Guerra de Moçambique 1964-1974, que tem Jaime Neves como um dos seus grandes protagonistas, não pode deixar de lado o 25 de setembro de 1964, com os ataques iniciais no Cobué e no Chai, e apresentaria a seguinte zona de datas: 1965--1966; 1967-1969; 1970; 1970-1974. Após a fase de abertura da guerra, 1965 é o ano da resposta portuguesa. É um ano de grandes movimentações de tropas em ações de represália. No geral, são ações falhas de inteligência estratégica. Revelam desconhecer que o inimigo prefere a mobilidade à fixação. Nesta fase, o comandante-chefe é João Caeiro Carrasco, o *John Killer,* um general bravo como um alferes mas de uma brutalidade pouco eficaz.

Entre 1967 e 1969, a FRELIMO, liderada por Eduardo Mondlane, vive em crise. Mondlane acaba por ser morto pela explosão de um livro de Plekanov, o pedagogo cujas teorias esterilizarão tantas cabeças nos «Países Socialistas Rumo ao Comunismo». Este período mau da FRELIMO é astutamente gerido pelos portugueses, que conjugam os ataques militares com a exploração das rivalidades étnicas. O maior estrilho dá-se entre os macondes, que fazem a guerra

no norte, e os homens do sul, que dominam o aparelho político frelimista.

É em 1970 que Kaúlza de Arriaga e Samora Machel se encontram no tabuleiro de guerra. É uma dupla de respeito. Kaúlza, com o ego de um fanático de si mesmo, defende enfaticamente a superioridade dos brancos sobre «a patológica raça negra». É inteligente, dedicado à causa, mas compreende mal a guerrilha porque está basicamente formatado no paradigma de uma guerra clássica, com grandes meios e alta tecnologia, no hemisfério norte. Machel, por sua vez, é um orador eletrizante, um demagogo temível que sabe bem o que é uma guerra de guerrilha. Com o frio Kaúlza e o magnético Machel, a guerra ganha intensidade.

A atitude essencial de Kaúlza é a de atirar com os homens e material que tem para cima da FRELIMO. Pretende carbonizá-la. Daí a célebre operação com o designativo Nó Górdio, que decorre entre 1 de julho e 5 de agosto de 1970. No panorama da guerra portuguesa, é um passo de gigante. Para trás. Se não para trás, pelo menos para o lado. A FRELIMO pouca luta dá. Cumprindo o manual da guerrilha, foge ao combate frontal, espalha-se para sul, gangrena a província ultramarina. Os resultados acabam por ser os de uma vitória pírrica e a ação não é muito mais do que uma meramente grandiosa gesticulação militar.

Entretanto, a situação militar em Moçambique piora gradualmente para os portugueses. Chegam aqui e ali «a levar pra tabaco». Contudo, nunca se atingirá o grau de fuga em pânico tipo Danang dos *yankees* no Vietname. Duas situações atestam o pré-descalabro no norte de Moçambique. Em agosto de 1973, com a guerrilha a atuar já abaixo da linha Beira-Vila Pery, o massacre de Wyriamu é praticado pela helitransportada 6.ª Companhia de Comandos. Jaime Neves é por esta altura o comandante do Batalhão de Comandos de Montepuez. O comandante da 6.ª é o capitão graduado Gonçalo Fevereiro, o qual, aliás, se encontra com paludismo. Assim, a ação é chefiada pelo alferes Melo. Wyriamu é um massacre de centenas de moçambicanos que, tendo tido um eco descomunal nas tocas mediáticas, corre mundo. Torna-se um auto de fé jornalístico de dimensão

mundial, um incêndio impossível de apagar. A outra situação dá-se em janeiro de 1974, na Beira. Neves já deixara Moçambique. É a revolta dos colonos contra os militares. É toda a cidade a atirar-se ao exército e, no que é duplamente extraordinário, quem lidera a revolta é um militar com a função de governador de Manica e Sofala, coronel Sousa Teles.

Um facto nuclear deste período é a divisão do poder em Moçambique em três fatias: o governador-geral fica com uma, o comandante-chefe com outra e Jorge Jardim com a terceira. Jardim, um especialista em *back channels* que já prestara serviços a Salazar no caso da Índia Portuguesa, é um caudilho civil com um pequeno exército privado. Só não é o Lawrence de África porque lhe falta o mais difícil: a experiência continuada do mortal combate militar. É um homem com poder mas sem governo, precisamente o contrário do que vai sucedendo ao seu primeiro-ministro, Marcelo Caetano.

É em maio de 1966, a segunda parte da segunda fase deste quadro geral mais complicado do que complexo, que Jaime Neves chega a Moçambique com a 2.ª CCMDS. A companhia fica instalada no Lumbo, ainda sem a ponte a ligar à Ilha de Moçambique. Quatrocentos anos antes Camões «invernara» por ali, «vivendo de amigos», e, mesmo assim em desgraça, sem perder a sua «natureza terríbil», segundo Diogo do Couto. O Lumbo é um conjunto de vivendas abandonadas, uma pista de aviação e um barracão que serve de gare. Aqui tinham desembarcado para a lua de mel Aga Khan, o líder ismaelita, e Rita Hayworth, a vaporosa estrela de cinema.

As condições no Lumbo são péssimas. A 2.ª tem de deitar mão a um dos grandes rasgos diferenciais dos portugueses: o desenrascanço. Num abrir e fechar de olhos, os comandos definem o perímetro de segurança, montam as tendas, erguem a sua cidade de pano, onde ficarão durante dezasseis meses. Dali, os grupos de combate partem de *Nord-Atlas* para a guerra, para Mueda, para Vila Cabral. Rodam continuamente pelo *coração das trevas* de Moçambique, formando o «Circo» que surge ficcionalmente tão próximo do real

em *Nó Cego*. Só que o espetáculo é dado no mato, muito longe, «lá para Conamaím Street». Um espetáculo sem plateia, fora dos olhares da civilaria e de todos os outros militares, exceto de alguns «araújos» da Força Aérea. Aqui, no coração do mato e da guerra, o chefe operacional, seja alferes ou capitão, fica a conhecer o poder total, o poder de vida ou de morte sobre os que encontra pela frente. E decide rápido, sem burocracias, sem polícias, juízes, tribunais, sem *media*. Esse poder total dará a quem o teve um orgulho negro que o fará desprezar o palavroso poder dos políticos, o manhoso poder escondido dos financeiros ou qualquer outro tipo de poder sem grandeza.

À chegada da 2.ª CCMDS, a personagem maior do Lumbo é o administrador Santos, um apaixonado pelo álcool. Do seu currículo, consta ter sido chefe de posto em Timor, durante a Segunda Guerra Mundial, na altura da invasão japonesa. Quando os japoneses entraram na sua área de responsabilidade, encontraram um chefe de posto Santos fardado a rigor, com espada, *panache* e tudo. O grupo de nipónicos era comandado por um capitão bestialmente marcial, bem japonês. Com muitos gestos rápidos, decididos, dava ordens que soavam como estalos. Após a primeira troca de olhares, Santos dissera ao capitão de olhos em bico:

— Tenha calma! Não bebe nada?! — E tudo passou a deslizar sem maçadas.

A situação militar em Moçambique, no período operacional da 2.ª Companhia de Comandos, apresenta apenas um foco inflamatório de guerrilha no planalto maconde, na província de Cabo Delgado, e um outro foco, bem menor, em Vila Cabral, no Lago Niassa. Cabo Delgado é uma zona difícil, de mato fechado, onde os macondes vivem da pesca e da caça. A sua velha relação com o sistema colonial, pelo menos desde Neutel de Abreu, sempre se manteve entre a paz quente e a guerra. Com caras cinematográficas, sulcadas de arabescos feitos à navalha e dentes afiados como setas, os macondes são aguerridos.

Jaime Neves, que combate com método e fúria mas sem ódio, introduz uma relativa novidade no modo português de fazer a contraguerrilha. A novidade consiste em a companhia bater uma zona

inimiga não em fila indiana, como é costume, ou aberta na horizontal, como se faz por vezes no terreno fácil do leste de Angola, mas esquadrinhando-a com os vários grupos a progredirem mais ou menos paralelamente. Numa das operações feitas neste molde, a companhia passa dez dias a penar por entre os pequenos arbustos e pequenos paus da mítica Zona dos Paus da Mutamba dos Macondes. É nesta mata estranha, antiquíssima e maléfica que a 2.ª Companhia de Comandos abate quinze guerrilheiros e apanha onze armas, dezenas de granadas, muitas munições. Estes resultados, que, numa guerra clássica, pouco passam de um *fait divers,* são um grande resultado numa guerra de guerrilha. Neste tipo de guerra, o mais difícil não é combater mas encontrar o inimigo. Este, quase invisível, joga ao gato e ao rato, bate e foge em terreno inóspito que conhece bem. Estando os comandos já cansados de dois ou mais dias de caminhadas no mato, sedentos, esfomeados, picados pelos mosquitos, ainda têm de encontrar o inimigo para o combater e abater. Abatê-lo é fácil, ou, pelo menos, mais fácil do que encontrá-lo. Já Camões claramente sabia do assunto pois «Dous inimigos vencem: uns, os vivos,/E (o que é mais) os trabalhos excessivos».

Na Mutamba dos Macondes, existe um aquartelamento onde militares da pacaça vivem, sob constantes flagelações, dentro de abrigos com ratos. Quando os comandos lá vão, a FRELIMO trava as flagelações; quando os comandos regressam da operação, as «ameixas» voltam a cair sobre o quadrado de arame farpado. Em relação a esta força mais aramada do que armada, o comando que por lá passa diz sempre para si próprio:

— Fooda-se! Olha se não me tinha oferecido para os comandos!

Outras duas operações da 2.ª CCMDS mantêm-se bem vivas na memória de Jaime Neves. Uma é a «Operação Finalmente», que teve lugar em Cabo Delgado, a província à qual se chama Minas Gerais, devido aos muitos rebentamentos de minas e ao cheiro a trotil. É uma operação de mais de vinte dias em que, sempre ao longo do rio Messalo, os comandos vão parar ao Mucojo, que dá para o Índico. Roem trezentos quilómetros de mato a pé. É um daqueles casos em que só

porque não sabiam que era impossível é que conseguiram concluir a operação. E por causa da vontade formada para «vergar tudo». É um trabalho de romanos, do tipo de que os militares de gabinete apenas ouvem falar e os civis nem isso.

A outra operação decorre junto à fronteira do Malawi. Nela, a companhia é emboscada e daí resulta um morto, o soldado Aveiras. Nesta operação, que tem por objetivo destruir uma base da FRELIMO, participa Jorge Jardim. Homem de poder e de acesso direto ao *imperador* de serviço ao Império, seja ele Salazar ou Caetano, o administrador de empresas Jardim tenta-se com o mando da 2.ª Companhia de Comandos. O capitão Jaime Neves administra-lhe um aperto que não mais viria a esquecer.

— Senhor engenheiro — diz o Tigre para um Jardim de camuflado «de ir à guerra» —, você aqui bate a bola baixo! Aqui mando eu!

A companhia destrói a base frelimista, mata alguns guerrilheiros, pelo menos um comissário político, captura outros. Por esta altura, Jaime Neves já é um nome que se distingue nos comandos. Para o coronel comando Carlos Matos Gomes, ortónimo do autor de *Nó Cego* e um dos grandes capitães da última guerra portuguesa, os homens que então mais se aproximavam do seu «modelo de chefe comando eram o capitão Jaime Neves e o capitão Valente, este feito em bocados por uma mina em Moçambique».

No rescaldo desta primeira comissão como comandante de uma companhia de comandos, Jaime Alberto Gonçalves das Neves é não só louvado como condecorado com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe «por Portaria de 23JAN68». Recebe-a por causa dos «serviços prestados em ações de combate na Província de Moçambique». Numa prosa castrense de fórmulas consolidadas, como «desprezo pelo perigo» ou «serena energia debaixo de fogo», mas sem cair numa escrita de terceiro-sargento, os elogios à sua atuação prendem-se com o facto de que no «Comando da sua Unidade, o capitão Gonçalves das Neves participou em todas as missões de combate, sempre dando provas notáveis de bravura, desembaraço, de capacidade física, de espírito de sacrifício e de serena energia debaixo de fogo a que

inúmeras vezes foi sujeito. Muitas vezes comandou um grupo de combate em acumulação com o comando da companhia e sempre serviu de exemplo aos seus homens, a todos dinamizando com a sua atividade e conduzindo a sua Unidade aos mais assinalados êxitos sobre o inimigo.»

O documento elogiador expande-se com: «São de notar, de forma especial as Operações Açor, Catatua, Olho Vivo, Picanço, Licas, Hebraico, Polinómio, Maionese, Martelada, Trolha, Desbrause, Finalmente, Chaimite, Aveiras [em homenagem ao soldado abatido na fronteira com o país do doutor Banda], Alentejano, Mabecos, Raivosos e Furriel Aguiar, que praticamente cobriram toda a área subvertida da Zona de Intervenção Norte.» O grande elogio hierárquico afiança ainda que: «Além das qualidades que o tornam particularmente apto para o comando de forças neste tipo de Guerra, possui ainda o Capitão Gonçalves das Neves dotes de carácter, lealdade e honestidade profissional que o tornam um elemento de prestígio dentro do exército que serve tão devotamente.» E, na opinião do general-comandante da Região Militar de Moçambique, na segunda fase da operação Polinómio, Jaime Neves «dirigiu em PCA, com inteira dedicação e desprezo pelo perigo a atuação da sua Companhia, tendo o avião em que seguia sido flagelado por duas vezes com armas automáticas, do que resultou da segunda vez ser ferido de raspão por um projétil» que lhe raspa o sovaco esquerdo.

O general remata o texto com entusiasmo: «Considero o capitão Neves um ótimo Comandante de Companhia e um valiosíssimo elemento a destacar como exemplo.»